

Qualidade no Ensino



José Almendra - Relações Institucionais/IQE
jose.almendra@iqe.org.br

A educação e seu estado anacrônico

Por: Suedy Santos de Azevedo
Articulista do IQE
Matemática

Como você, leitor, avalia a qualidade da educação pública no Brasil hoje? Excelente? Boa? Regular? Ruim? Péssima? E que critérios utilizou para avaliar? Considerou a infraestrutura (existência de biblioteca, sala de informática...), ou a formação de professores e da equipe gestora? Infelizmente, é provável que sua resposta não tenha sido nem um pouco otimista, não é mesmo?

Não é de hoje que se discutem as diversas dificuldades que corroboram para a precária educação básica pública: a falta de estrutura das escolas, os baixos índices de proficiência dos alunos, a formação dos professores desvinculada da prática, como também a formação continuada restrita ou escassa dos docentes, as metodologias de ensino adotadas, além dos problemas de ordem social.

No Brasil, toda essa problemática parece atuar em uma teia, que empaca o desenvolvimento educacional, deixando-nos entre os piores do mundo. Em dados de 2016, apenas 4,5% das escolas públicas do país apresentavam todos os itens de infraestrutura, previstos no Plano Nacional de Educação (PNE). A proficiência continua sendo uma dificuldade.

No IDEB – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica – 2015, nos Anos Finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio, a rede pública não conseguiu sequer atingir a meta estipulada.

Tudo isso reforça a ideia de que esse conjunto de problemas é o que nos impede de caminhar; solucionando essas lacunas, a educação alcançaria outro patamar.

Entretanto, além de todos os aspectos apontados, nota-se, ainda, que a escola está lidando com um público de um tempo diferente daquele para o qual foi criada. Enquanto o quadro de giz é substituído pelo quadro branco ou pela lousa digital, os alunos utilizam-se de celular de última geração, que os conecta com o mundo em tempo real. Com um simples clique no “mouse” do computador ou no seu celular, eles têm mais acesso à informação do que durante todo o período em que passam na escola e, com isso, o espaço da sala de aula torna-se obsoleto e desinteressante em relação à sua vida.

De acordo com o sociólogo espanhol Manuel Castells, a escola continua atuando como na Idade Média, com uma educação vertical, baseada na transmissão de informação, em que o professor é o detentor do poder e o aluno está ali apenas para escutar, tornando a aula um espaço pouco atrativo, de restrita interação. Contudo essa configuração tem sido rompida à medida que os meios de comunicação, principalmente a internet, têm ganhado destaque.

Castells diz, ainda, que a escola precisa passar por uma profunda transformação, para poder atuar na contemporaneidade, isto é, ela precisa entender que o mundo vivido pelos jovens hoje é outro, pois a informação e o conhecimento estão na internet ao acesso deles. Entretanto é preciso que o professor direcione com critérios essa busca, possibilitando aos alunos que os combinem em seus projetos intelectuais, profissionais e pessoais.

Os países que trazem os melhores índices em educação apresentam uma nova concepção de ensino e de reestruturação escolar, desde horário de aula (chegada e saída dos alunos na escola), rigoroso critério de seleção dos professores, investimento na formação de docentes, integração e interdisciplinaridade das matérias básicas em um mesmo assunto, até um currículo optativo para o aluno. Países que adotam tais concepções (parcial ou integralmente), como Finlândia, Japão e Suécia, são os que lideram o “ranking” de educação organizado pela OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico), enquanto o Brasil amarga a penúltima colocação dessa classificação.

A justificativa para convencer os jovens sobre a importância do estudo tem sido afirmar que estudar propicia ascensão social, o que é uma falácia. O estudo é um dos fatores que contribui para essa ascensão, todavia não o único.

Será mesmo que o papel da escola é o de promover a ascensão social ou de promover a inclusão social e formar sujeitos críticos e políticos, capazes de entender as relações socioculturais que envolvem seu meio?

Finalmente, essa discrepância entre o papel da escola e o que ela realmente executa deve-se à sua concepção e organização arcaicas. Precisa urgentemente se reconstruir para atender aos jovens do Século XXI.

(1) Dados retirados do site: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2016-06/apenas-45-dasescolas-tem-infraestrutura-completa-prevista-em-lei-diz>